

DF-Brasília Fiéis, a nova mercadoria da W3 Sul

No lugar das lojas e clientes, avenida agora concentra igrejas evangélicas. Muitas sem alvará de funcionamento

GIZELLA RODRIGUES

Depois que os estabelecimentos comerciais fecharam as portas na Avenida W3 Sul, uma nova atividade movimenta aquela que já foi a principal rua de Brasília. No lugar de clientes, surgiram fiéis. E as grandes lojas de departamento e os badalados restaurantes foram substituídos por igrejas evangélicas que, agora, têm endereço certo nas quadras 500.

Em uma visita à W3, o Jornal de Brasília encontrou dez templos religiosos espalhados pelas 15 quadras da avenida. Todos ficam nas 500, uma área destinada à atividade comercial. E apenas um possui alvará de funcionamento legalmente registrado na Administração Regional de Brasília.

A bancada evangélica na Câmara Legislativa até tentou livrar as igrejas evangélicas da obrigação de ter o alvará. A Lei 1.350/96, de autoria do deputado cassado Carlos Xavier, permitia que as igrejas se instalassem sem o documento. Mas a lei foi julgada inconstitucional em 2003. E, pela legislação em vigor, a Lei 1.171/96, as igrejas precisam do alvará. A única isenção para os templos é o pagamento da taxa para a concessão do documento.

FISCALIZAÇÃO - De acordo com a Administração de Brasília, a Igreja Batista Vida Nova, na 508 Sul, é a única autorizada a funcionar como igreja. As demais, ou têm alvará de lojas comerciais e escritórios, ou não possuem qualquer documentação. Fiscalizar o cumprimento da norma é tarefa

da Secretaria de Fiscalização das Atividades Urbanas (Sebau). O órgão reconhece que há demandas de fiscalização na W3 e, pela assessoria de Imprensa, informou que algumas igrejas já foram notificadas, apesar de não saber informar exatamente quais.

Quando o estabelecimento é notificado, ele tem um prazo, que pode variar entre 24 horas e 30 dias, para cumprir as exigências feitas pelos fiscais. Caso o problema não seja sanado, a fiscalização faz um auto de infração e a igreja é multada no valor de R\$ 900 e pode ser até interditada.

DEMORA - O pastor Iron de Queiroz, da Igreja Batista Shalom, na 515 Sul, reconhece a falta do alvará, mas afirma que já deu entrada no processo na administração. "Nunca deram andamento ao meu pedido. É um processo demorado", diz. A igreja mudou-se para o endereço no final de 2001. Antes, funcionava na 505 Sul, também na W3. "Começamos em uma loja no Guará em 1999. Mas, depois de três meses, ela ficou pequena e tivemos que nos mudar", conta o pastor. Até 500 pessoas freqüentam os cultos da igreja.

O secretário da Coordenação das Administrações Regionais, Vatanábio Brandão, não veria impedimento para a permanência das igrejas na W3, se não fosse a falta do alvará de funcionamento. "Onde elas estão não há perturbação de áreas residenciais. Mas as igrejas são obrigadas a requerer o alvará, assim como qualquer outra atividade", afirma.

Riscos para a segurança

Além da irregularidade de não ter o alvará, as igrejas evangélicas podem se tornar um perigo para os fiéis que freqüentam os cultos em caso de acidentes ou incêndios. Como recebem um grande número de público, e ocupam lojas comerciais adaptadas para isso, os templos precisam cumprir normas de segurança estabelecidas pelo Corpo de Bombeiros. E, sem o alvará, nada garante que as normas são seguidas.

O tenente Pablo Alcides Ananias Xavier, adjunto da Sesão de Vistoria e Pareceres do Corpo de Bombeiros, explica que há um número limite de pessoas que podem se aglomerar em cada loja. A norma estabelece uma pessoa por metro quadrado, ou seja, em uma loja de 200 metros quadrados cabem, no máximo, 200 pessoas. "É preciso observar essas normas porque uma igreja vai ter pelo menos dez vezes mais público que uma loja comercial. Daí, todo o ambiente precisa ser adaptado", diz.

As saídas de emergência variam de acordo com o pú-

blico do local. Se o estabelecimento é freqüentado por até cem pessoas, a porta precisa ter 80 centímetros de largura. Se são 200 pessoas, é preciso que a porta tenha um metro de largura. Para 300 pessoas, o tamanho aumenta para um metro e meio e, a partir daí, é preciso aumentar 55 centímetros para cada grupo de cem pessoas a mais.

"Além disso, se o ambiente reunir mais de 300 pessoas, as portas precisam ter a barra anti-pânico, aquela em que a pessoa só encosta e a porta se abre", completa o tenente.

A vistoria do Corpo de Bombeiros é um dos requisitos para a concessão do alvará de funcionamento. "Se as igrejas não têm o alvará, não se sabe se o templo está ou não adaptado para receber muitas pessoas, que certamente é maior que o público de uma loja. Não ter o alvará significa que a igreja não passou pela vistoria e, certamente, isso se transforma em um perigo para os fiéis", explica o tenente Pablo Alcides.

Os próprios pastores re-



Igrejas evangélicas têm um destino certo na W3 Sul: as quadras 500 reúnem um total de dez templos. Apenas um possui alvará



Cena comum na W3 Sul: templos no lugar das lojas, que fecharam as portas por falta de clientes

Mais terrenos para templos

A Avenida W3 Sul está dentro da área tombada de Brasília. E, para o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal, a avenida não é local para a proliferação de igrejas. Não porque elas forem o tombamento, mas porque Lúcio Costa já destinou terrenos para templos religiosos no Plano Piloto de Brasília.

De acordo com Gastal, as igrejas deveriam estar nos terrenos nas entrequadras destinados para a instalação de templos. "O problema é que temos que enfrentar uma realidade que estava prevista no Plano, mas não com tal intensidade. Surgiram inúmeros credos nos últimos 20 anos e Brasília não foi planejada para ter essa quantidade de igrejas", diz.

Os próprios pastores re-

conhecem que a W3 não é o local mais apropriado para o desenvolvimento de suas atividades. O pastor Geraldo Braga, da Igreja El Shadai, na 512 Sul, diz que gostaria de ter seu próprio terreno, mas não tem dinheiro para concorrer na licitação. "Aqui não é um local adequado. A W3 tem poucos estacionamentos, o que dificulta o acesso dos fiéis. Mas no momento é inviável comprar um terreno", conta.

CRESCIMENTO - O deputado Peniel Pacheco (PDT), que é pastor evangélico, afirma que a instalação de tantas igrejas na W3 Sul é reflexo do crescimento natural de Brasília. "A cada ano as áreas legais destinadas para as igrejas são reduzidas. Não há oferta e sim uma demanda não atendida",

acredita o deputado. Peniel defende que o GDF disponibilize mais terrenos para os templos.

"Se não pode na W3, é preciso indicar onde pode. A liberdade religiosa é um direito assegurado pela Constituição Federal. Se não tiver local adequado, vão acabar inventando", afirma Peniel Pacheco.

O superintendente do Iphan também acredita que novos terrenos para igrejas precisam ser liberados pelo GDF. "É claro que os espaços destinados por Lúcio Costa não irão atender todo mundo. Brasília já está saturada de igrejas. Mas as cidades satélites estão cheias de espaço. Do outro lado da Epia mesmo, onde não é mais área tombada, há um bom espaço onde poderiam existir igrejas", sugere Gastal.

Saudades da "Era de Ouro"

Enquanto os templos religiosos se multiplicam pela W3 Sul, os comerciantes amargam a triste lembrança da "Era de Ouro" da avenida, quando toda a vida cultural de Brasília estava concentrada ali. Com o surgimento dos shoppings, na década de 70, os clientes migraram da W3, muitas lojas não resistiram e tiveram que fechar as portas. O prefeito da W3, Hely Walter Couto, estima que existam cem lojas vazias na via.

Desde a década de 90 se fala na revitalização da W3. São mais de 15 anos de discussão e nenhuma ação que efetivamente tenha saído do papel. O projeto arquitetônico está pronto desde 2003, quando um concurso escolheu cinco propostas para a avenida, que foram fundidas em uma só.

O primeiro passo para a revitalização já está escolhido. Trata-se da construção de três praças na via, sendo que uma delas seria subterrânea perto do Pátio Brasil Shopping. A secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Diana Motta, afirma que duas praças já estão orçadas e esperam recursos para serem licitadas e, enfim, construídas. Elas ficam na 705/706 Sul e Norte e, juntas, devem custar R\$ 6 milhões. A da Asa Norte tem 12 mil metros quadrados e a da Asa Sul tem 35 mil metros quadrados.

A secretaria espera que ainda no primeiro semestre do ano as praças sejam contempladas com recursos financeiros. Ela, porém, reconhece que a construção das praças é apenas o primeiro passo para um complexo projeto de revitalização. "A revitalização inclui melhorias nas calçadas, nos equipamentos públicos, no transporte público que passa pela via e até mudanças no sistema viário. Também precisamos contar com investimentos do setor privado para melhorar os prédios e atrair clientes", afirma Diana Motta.